

CAMPEONATOS

Roberto Rodrigues*

Na Copa de 1950, aos 8 anos, morava na fazenda, longe do futebol, e nem fiquei sabendo do maldito gol de Gighia que tirou o campeonato do Brasil em pleno Maracanã. Naquele ano, enquanto Barbosa, Bauer, Rui, Noronha, Ademir e Zizinho perdiam a Copa, 64% da população brasileira morava no campo! O café representava 63,9% das nossas exportações e o algodão outros 8,7%.

Mas em 1958 o futebol já tinha entrado na agenda, e a Copa da Suécia foi um grande acontecimento. Sabia a escalação completa do time titular e do reserva. Até porque Feola foi mudando o time: De Sordi, Dino Sani, Joel, Mazzola e Dida jogaram durante a Copa, mas na final contra a dona da casa estavam em seus lugares Djalma Santos, Zito, Garrincha, Vavá e Pelé. O café era disparado o nosso maior produto de exportação, com 55% do valor, e os minérios já vinham em segundo lugar, com quase 6%. E 55% da população brasileira ainda morava no campo ou nas vilas em que todo mundo trabalhava na roça.

Depois de ganhar aquele título, brasileiros de todas as extrações se ligaram no futebol, e as Copas seguintes foram mais acompanhadas, até porque a televisão chegou para valer. Quem não se lembra de 1962 no Chile, bicampeonato ganho por Garrincha, Zito e Zagallo, porque Pelé se machucou na segunda partida e foi substituído por Amarildo? Em 62, tínhamos pouco mais de 300 mil hectares plantados com soja no Brasil, e tudo no Rio Grande do Sul, com 1200 quilos por hectare de produtividade. Hoje temos 35 milhões de hectares com mais de 3000 quilos. A população urbana já era quase metade do total, 49%. O país se urbanizava rapidamente.

Outro troféu foi o tri conseguido no México em 1970, com uma seleção montada por João Saldanha e herdada por Zagallo que saiu do Brasil desacreditada embora tivesse craques extraordinários como Pelé, Tostão, Gerson, Rivelino, Jairzinho, Carlos Alberto na lateral direita e Clodoaldo de volante! Na cidade moravam 57% dos nossos cidadãos, e as exportações de café tinham caído para 34,9% da pauta.

Perdemos a de 1982, com um timão maravilhoso comandado pelo grande Telê Santana, com Oscar, Zico, Sócrates, Falcão, Cerezzo, Junior, Luizinho, Serginho, Éder e outros craques inesquecíveis.

Ganhamos mais duas Copas: em 1994 (com Parreira escalando Cafu, Rai, Bebeto e Romário) e o povo da roça era apenas 23% do total; e em 2002, ano do penta (sob as ordens de Felipão, e em campo com Marcos, Cafu e Roberto Carlos, Kaká, Rivaldo e Ronaldo), 82% da população era urbana.

E, é claro, perdemos em 2014, jogando em casa, com uma vergonhosa e também inolvidável surra de 7 a 1 aplicada pela Alemanha, que foi a campeã. A

soja já era vice-campeã das exportações brasileiras, com 11,5% do total, atrás apenas do minério de ferro.

Agora chegamos a 2018, na Rússia. Temos uma boa equipe, um técnico experiente e vencedor, e estamos otimistas; quem sabe trazemos da Rússia o sonhado hexacampeonato...

E no agro? Já somos campeões em muitos produtos de exportação, como café, açúcar, suco de laranja, soja, carne de frangos, somos vice em carne bovina e milho, e chegando perto do título em algodão e carne suína. Apenas 13% dos brasileiros moram no campo, e o nosso saldo comercial só é positivo por causa do agro, que também sustenta o PIB e os empregos, além de reduzir a inflação e o custo dos alimentos.

Tomara que levantemos a taça em Moscou. Porque o campeonato mundial de segurança alimentar estará no papo em alguns poucos anos.

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, Embaixador Especial da FAO para as Cooperativas e Presidente do LIDE Agronegócio.**